Che Guevara, hoje

Luiz Marques

10/10/2025

Onde se levanta um punho contra a engrenagem financeira e as Big Techs, que controlam as cotas de liberdade para proteger seus "lucros intributáveis", lá, o espírito de rebeldia de Che Guevara entra em ação



1.

Ernesto Guevara de la Serna nasce em 14/06/1928 em Rosário, na Argentina; morre em 9/10/1967, em La Higuera, na Bolívia. Trata-se de um revolucionário, marxista, médico, escritor, guerrilheiro, diplomata. Na descrição de Michael Löwy e Olivier Besancenot, em *Che Guevara – uma chama que continua ardendo* (Unesp): "*Che* não era um santo, nem um super-homem, nem um chefe infalível; era um homem como os outros, com suas forças e fraquezas, sua lucidez e cegueira, seus erros e inabilidades. Mas tinha uma qualidade rara nos atores da cena política – a coerência entre as palavras e os atos. Desse ponto de vista, ele era excepcional". É o que explica a enorme atração que ainda exerce no mundo inteiro. Ser uma liderança na qual se podia depositar completa confiança.

Tudo começa com a viagem iniciática de motocicleta para o aprendizado da realidade continental sobre a miséria, a pobreza, a dependência cultural extrema. Cresce o sentimento antiimperialista. Depois, vêm a participação ativa na resistência guatemalteca à intervenção estrangeira, a guerrilha cubana, as responsabilidades governamentais, as missões diplomáticas. Então são quinze anos de uma existência extraordinária, intensa e interessante, mais do que tantas com destinos longevos.

Faz cinquenta e oito anos de sua captura e assassinato covarde, pela ditadura militar boliviana. O insurgente em nome da libertação da América Latina sabe que o capitalismo com feição selvagem tem, historicamente, as patas sobre os povos no continente colonizado. As massas encontram desde sempre dificuldade para assegurar os direitos fundamentais à sobrevivência. Uma situação que o neoliberalismo a partir da década de 1980 não melhora, senão que aprofunda na ideologia supremacista para legitimar processos de exclusão e superexploração nas relações trabalhistas. Manda/obedece.

2.

Em 1° de janeiro de 1994, no Sudeste mexicano, em Chiapas, os camponeses zapatistas pegam em armas para dizer "*Ya basta!*" à nova ordem mundial (Consenso de Washington). Mostram que os ideais de emancipação de *Che* Guevara mantêm sua chama sob as cinzas, *post mortem*. Um outro mundo é necessário, bradam os oprimidos com a bandeira da democracia e da soberania nacional. No campo e nas cidades, de Norte a Sul, a esperança se organiza nas bases. "O grande canteiro de obras para elaborar o socialismo do século 21 está aberto", sublinham Löwy e Besancenot.

Para mudar o *establishment* é preciso uma humanidade com novos costumes, hábitos, relações de poder e concepção de trabalho. A solidariedade entre os povos deve recuperar o princípio-esperança e as condições para uma coexistência pacífica, cooperativa, transnacional, e não um mandamento meramente comercial para a troca de produtos. Nenhum povo deve ser condenado à solidão, como os Estados Unidos fazem com o povo de Cuba, da Venezuela e, antes, fizeram com o Vietnã.

Onde se levanta um punho contra a engrenagem financeira e as *Big Techs*, que controlam as cotas de liberdade para proteger seus "lucros intributáveis", lá, o espírito de rebeldia de *Che* Guevara entra em ação. Quem arrota a liberdade para potencializar a acumulação de riquezas privadas usa da hipocrisia e do cinismo para manipular a opinião pública. O vale tudo do discurso e da violência física pertence ao espectro da dominação autoritária e intolerante – que mata. Marielle, presente!

3.

Os ideais guevaristas não se confundem com métodos de luta. Combatem terceirizações, jornadas exaustivas de labor, monoculturas que destroem biomas no extrativismo de *commodities*, pessoas em situação de rua nas metrópoles, desindustrialização. Reatualizam-se na resiliência de guerreiros aos aplicativos tecnofeudais, sindicatos e movimentos sociais; com militância avessa ao patriarcado (sexismo) e à herança colonialista (racismo); com estudantes a denunciar sem medo o genocídio de palestinos na Faixa de Gaza e ambientalistas para defender florestas, rios, mares. Os neocapitães do mato no Congresso para proteger os interesses de bancos, bilionários e bets são já bem conhecidos.

A imagem de *Che* Guevara frequenta passeatas do Maio de 1968. Desde então, estampa camisetas nos campus universitários para celebrar o internacionalismo do opositor da globalização imperial e entoar as palavras de ordem contra a lógica alienante da mercadoria e a redução humana a uma unidade econômica, descartável. As virtudes não convivem com os vícios e a corrupção do capital.

O prestígio do comandante junto às gerações subsequentes deve-se ao fato de representar o conceito de um revolucionário que, chegando ao poder, é capaz de deixar qualquer zona de conforto para pôr outra vez suas forças a serviço dos "humilhados e ofendidos". Esse simbolismo reúne a juventude à revolução, de um modo indissolúvel e generoso. Não pela aventura; mas pelo desprendimento em relação a vantagens individuais às expensas dos mais vulneráveis, que seduzem certas castas.

4.

"*Soyons réalistes, demandons l'impossible*" ("Sejamos realistas, demandemos o impossível"), o lema sessentista está ligado à superação das contradições principais do sistema, cuja solução só pode acontecer com uma reestruturação da sociedade. A lembrança de uma data triste não é um culto à morte; é a saudação de afeto aos lutadores políticos e sociais de esquerda por uma sociedade de produtores associados livres, sem separar os meios dos fins. São os valores da ética humanista de *Che* Guevara que o tornam *persona non grata* à burguesia. Mas inspiração para os revolucionários.

***Luiz Marques** é docente de Ciência Política na UFRGS; ex-Secretário de Estado da Cultura no Rio Grande do Sul*

Via Teoria e Debate

Compartilhe nas redes: